

CAPÍTULO 8

OFICINAS EDUCATIVAS: DISCUTINDO INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS COM ADOLESCENTES¹

Doralice Limeira da Silva
Dalva Muniz Pereira
Cecília Teresa Muniz Pereira
Andrew Alexander Lobão Costa

RESUMO

Objetivo: Sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância dos métodos contraceptivos para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Métodos: Estudo com adolescentes, de ambos os sexos, com faixa etária entre 13 e 20 anos, matriculados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA Campus Caxias. O projeto foi realizado em três etapas: aplicação de questionário para verificar o nível de conhecimento dos adolescentes referente às IST; realização de palestras e rodas de conversa sobre IST e métodos contraceptivos e reaplicação do questionário para verificar o impacto no conhecimento dos adolescentes após a realização das oficinas. Resultados: Participaram 145 adolescentes regularmente matriculados, sendo 64 (44,1%) meninos e 81 (55,9%) meninas. Destes, 66,8% (97) disseram já ter participado de algum tipo de palestra e/ou oficina sobre IST. O local mais citado para realização dessas ações foi a escola, citada por 85,6% (83) dos participantes. Os dados mostram que o conhecimento dos adolescentes em relação aos métodos contraceptivos aumentou após a realização das oficinas. Conclusão: A utilização de oficinas educativas permitiu uma maior participação dos adolescentes, com acréscimo de informações seguras sobre os temas abordados, motivando a mudança no comportamento de risco e oportunizando a promoção do autocuidado.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Educação em saúde. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

1. INTRODUÇÃO

A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), para destacar a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2018).

É necessário o desenvolvimento de medidas preventivas, com enfoque na orientação sexual, que propicie condições para o adolescente se proteger, entre outros riscos, da transmissão das IST (BRÊTAS *et al.*, 2009) e a escola se mostra como um campo promissor para o desenvolvimento de ações de educação em saúde. Devido à sua localização e vínculo

¹ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC Superior. Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEMA).

com a comunidade, a escola permite um alcance de usuários que jamais se terá dentro da área física das unidades de saúde (GIJSEN; KAISER, 2013).

As ações de prevenção das IST devem pautar-se pela ideia de desenvolvimento da autonomia do sujeito, a partir das suas identidades, contextos de vida e necessidades da população adolescente (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Transmitir informações a respeito do funcionamento do corpo e descrição das características das doenças, bem como um elenco de hábitos de higiene, não é suficiente para que os adolescentes e jovens desenvolvam atitudes de vida saudável. É preciso educar para a saúde, levando em conta todos os aspectos envolvidos na formação de hábitos e atitudes que acontecem no dia a dia (PINTO *et al.*, 2013)

Com uma educação sexual eficaz pode-se contribuir para a qualidade de vida dos adolescentes e rentabilizar os recursos econômicos despendidos com o tratamento das doenças relacionadas (FLORA; RODRIGUES; PAIVA, 2013).

Este estudo teve como objetivo sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância dos métodos contraceptivos para a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis através da realização de oficinas de educação em saúde.

2. MÉTODOS

Trata-se de um estudo quantitativo, cuja população foi composta por 145 adolescentes, de ambos os sexos, com faixa etária entre 13 e 20 anos, matriculados no Ensino Médio integrado ao Técnico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA Campus Caxias.

O projeto foi realizado em três etapas. Inicialmente, foi utilizado um instrumento de coleta de dados na forma de questionário para verificar o nível de conhecimento dos adolescentes referente às IST. O questionário semiestruturado autoaplicável foi composto por 10 questões abertas, fechadas e de múltipla escolha, que abordavam fatores reprodutivos, comportamentais, conhecimento sobre transmissão e prevenção das IST, e sobre o uso do preservativo. A aplicação ocorreu em sala de aula, durante o período de uma hora/aula, realizado por uma única pesquisadora.

A segunda etapa consistiu na realização de palestras e rodas de conversa sobre IST e métodos contraceptivos. As atividades foram realizadas por turma, nos turnos matutino e vespertino, com média de 15 a 25 alunos por oficina e duração de 1h e 30 minutos. As oficinas

abordaram temas relacionados às práticas sexuais, métodos contraceptivos, maternidade e paternidade na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis.

Na terceira etapa foi reaplicado o mesmo instrumento de coleta de dados com o objetivo de verificar o impacto no conhecimento dos adolescentes após a realização das oficinas.

O processo de análise foi desempenhado pela tabulação e interpretação, nas quais os dados obtidos foram organizados em uma planilha de dados do Excel 2013 gerando, assim, os gráficos e tabelas apresentados nos resultados.

O presente estudo respeitou as exigências pautadas na Resolução nº 466/12, sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão - CEP-FACEMA sendo aprovado com parecer nº 2.316.897 e CAAE: 71214717.0.0000.8007.

3. RESULTADOS

A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2017 a junho de 2018. Participaram do estudo 145 adolescentes regularmente matriculados, sendo 64 (44,1%) meninos e 81 (55,9%) meninas, com idades entre 13 e 20 anos. Destes, 66,8% (97) disseram já ter participado de algum tipo de palestra e/ou oficina sobre IST. O local mais citado para realização dessas ações foi a escola, citada por 85,6% (83) dos participantes, seguida de Postos de Saúde 3,1% (3), Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA 1,0% (1) e Programa Pro jovem 1,0% (1).

Os adolescentes participantes da pesquisa têm como fontes de informações sobre IST a Internet 89,6% (130), Televisão 80% (116), Professores/Escola 70,3% (102), Pais/Família 55,2% (80), Amigos 44,8% (65) e Revistas 40% (58). Em relação à vida sexual, 32,4% (47) dos adolescentes relataram já ter iniciado. Destes, 57,4% (27) informaram que a primeira relação sexual foi com preservativo e 42,6% (20) não usaram o referido método. O uso regular e frequente de preservativo foi citado por 60% (21) dos 35 adolescentes que disseram possuir vida sexual ativa.

Os resultados a seguir são compostos pela análise e interpretação das respostas dos questionários aplicados antes e após a realização das oficinas. No tocante aos métodos contraceptivos mais citados pelos adolescentes antes das oficinas, os mais citados foram: camisinha 66,9% (97), pílula do dia seguinte 19,3% (28) e anticoncepcional oral 15,2% (22). Após a realização das oficinas, os métodos mais citados foram: camisinha 88,3% (128), pílula do dia seguinte 35,9% (52), Dispositivo Intrauterino – DIU 31,7% (46), anticoncepcional oral 27,6% (40) e diafragma 20,7% (30) (Figura 01).

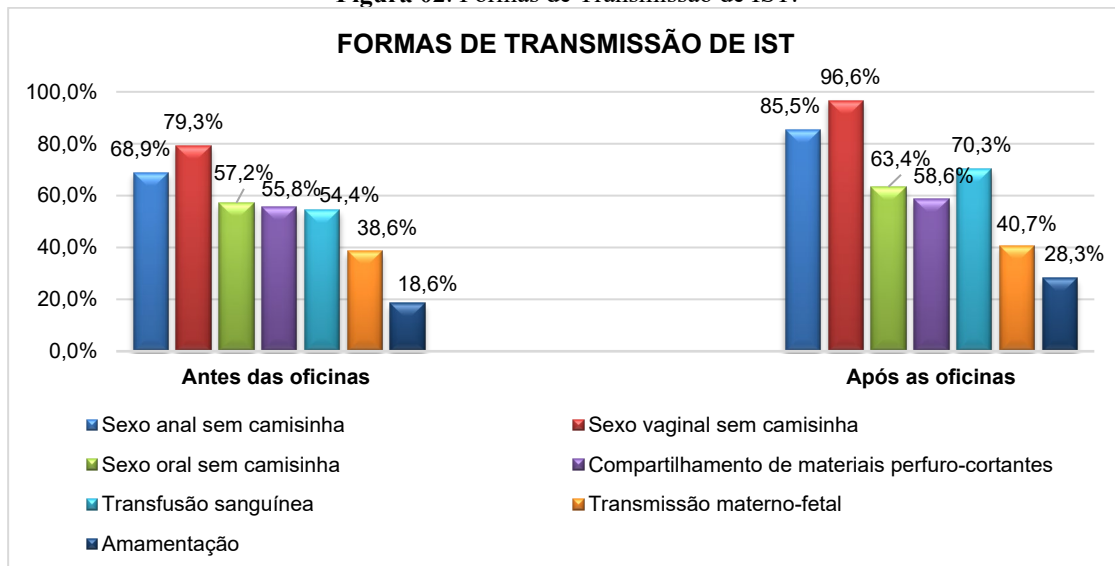
Figura 01: Métodos Contraceptivos.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No que se refere às formas de transmissão das IST, os mais citados antes das oficinas foram: sexo vaginal sem preservativo 79,3% (115), sexo anal sem preservativo 68,9% (100), sexo oral sem preservativo 57,2% (83), compartilhamento de material perfuro cortante 55,8% (81), transfusão 54,5% (79), transmissão materno-fetal 38,6% (56), amamentação 18,6% (27). Após a realização das oficinas, os mais citados foram: sexo vaginal sem preservativo 96,6% (140), sexo anal sem preservativo 85,5% (124), transfusão sanguínea 70,3% (102), sexo oral sem preservativo 63,4% (92), compartilhamento de material perfuro cortante 58,6% (85), transmissão materno-fetal 40,7% (59), amamentação 28,3% (41) (Figura 02).

Figura 02. Formas de Transmissão de IST.

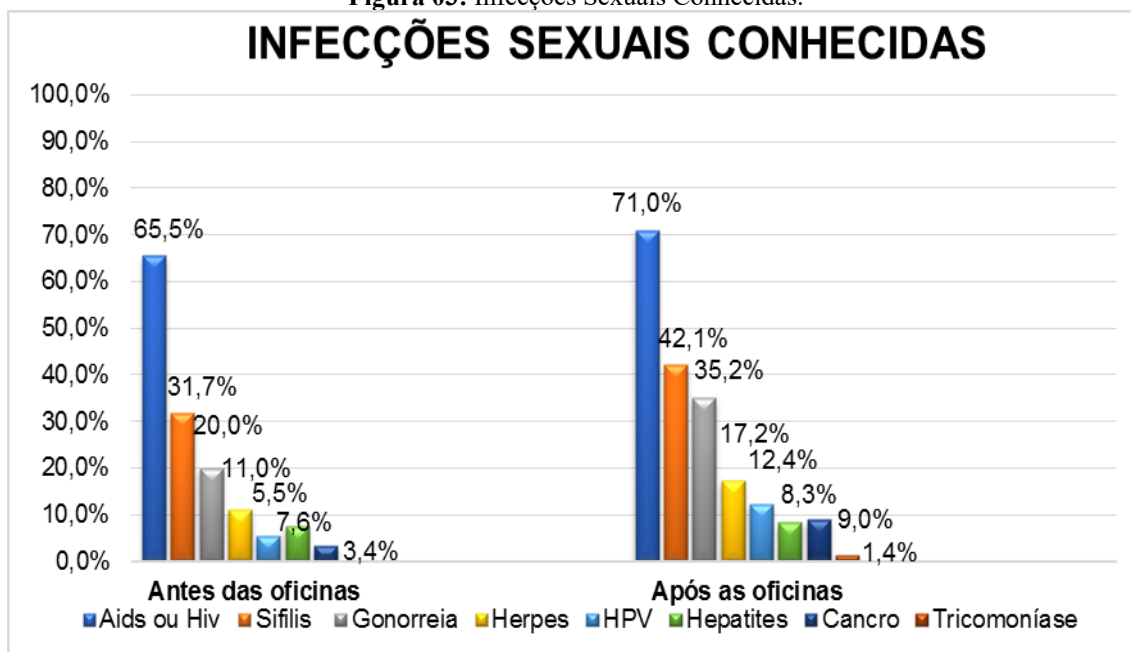


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No que diz respeito aos tipos de IST conhecidas pelos adolescentes antes das oficinas, as mais citadas foram: AIDS/HIV 65,5% (95), Sífilis 31,7% (46), Gonorreia 20% (29), Herpes

11% (16), Hepatite 7,6% (11), HPV 5,5% (08), Cancro 3,4% (05). Após a realização das oficinas, as IST mais citadas foram: AIDS/HIV 71% (103), Sífilis 42,1% (61), Gonorreia 35,2% (51), Herpes 17,2% (25), HPV 12,4% (18), Cancro 09% (13), Hepatites 8,3% (12), Tricomónfase 1,4% (02) (Figura 03).

Figura 03: Infecções Sexuais Conhecidas.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

4. DISCUSSÃO

A educação em saúde, nos moldes da problematização, configura-se como estratégia fundamental no tocante ao envolvimento dos adolescentes com a discussão da temática relativa à saúde sexual e reprodutiva (COELHO *et al.*, 2012). Dessa forma, as oficinas de prevenção para adolescentes proporcionam um espaço de reflexão e conhecimento compartilhado, além de possibilitar uma melhor interação entre os profissionais dos serviços de saúde e os jovens (CARLETO *et al.*, 2010).

A promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes é um importante contributo para a sua formação pessoal e social (RAMIRO *et al.*, 2011). Diversos estudos trazem relatos de realização de oficinas para adolescentes, abordando assuntos relacionados à educação sexual e o impacto positivo do uso dessa metodologia.

Gubert *et al.* (2009) realizaram um ciclo de quatro oficinas, utilizando técnicas de sensibilização, dinamização, comunicação e reflexão, a fim de propiciar a formação de vínculo grupal com adolescentes de uma escola municipal de Fortaleza - CE. Os autores implementaram oficinas baseadas em exposição dialogada e materiais educativos preconizados pelo Ministério

da Saúde, divididas em temas centrais como sexualidade, gênero, IST e AIDS, incluindo o uso de métodos contraceptivos.

Coelho *et al.* (2012) realizaram atividades que propiciaram aos adolescentes a exposição de conhecimentos prévios e dúvidas acerca dos métodos, bem como a discussão sobre informações científicas em linguagem clara e objetiva. Os adolescentes articularam os conhecimentos que já tinham e os adquiridos, reagrupando cada método segundo suas características comuns. Além disso, a revisão facilitou a apropriação das informações e o repensar de atitudes e práticas em face do exercício da cidadania no universo da saúde sexual e reprodutiva.

Estratégias de promoção da saúde também foram realizadas por Oliveira *et al.* (2017) através de atividades lúdicas, desenvolvidas em três momentos distintos, tendo como eixo problematizador a prevenção das IST com intuito principal de contribuir de modo significativo na promoção da saúde de escolares.

Verificou-se que o conhecimento dos adolescentes em relação aos métodos contraceptivos, além de tipos e formas de transmissão das IST, aumentou após a realização das oficinas, corroborando com o resultado de outros estudos.

Rolim *et al.* (2016) relataram que os adolescentes que participaram dos programas/oficinas de educação sexual, a maioria dos rapazes (63,5%), mudaram de comportamento ao assistir/participar desses programas, enquanto para as moças esse percentual foi de 49,6%. Os autores colocaram que, embora com pouco conhecimento, a grande maioria dos adolescentes gostaria que tivessem programas de educação sexual que falem sobre Aids na escola (84,6%) e no município (74,6%), mostrando o interesse e a relevância do tema para os adolescentes.

Camargo e Ferrari (2016) analisaram o conhecimento de 117 adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, antes e após a participação em oficinas de prevenção. Os autores evidenciaram que os estudantes, após as oficinas, tiveram a oportunidade de entrar em contato com outras informações sobre a diversidade de doenças transmitidas na relação sexual, além da Aids, havendo mudanças significativas entre as respostas dos adolescentes após as atividades de intervenção.

A maioria dos adolescentes pesquisados no estudo tem como principal fonte de informação sobre IST, a internet (89,6%) e a televisão (80%). Cruz *et al.* (2018) afirmam que a mídia tem importante participação na aquisição de conhecimentos referentes aos aspectos

relacionados à sexualidade, podendo tanto auxiliar na difusão e construção do conhecimento, como também não ser uma fonte suficiente de esclarecimentos, podendo gerar dúvidas e entendimentos dúbios e imprecisos relativo aos aspectos sexuais.

Em estudo com 166 adolescentes do sexo masculino, Jardim e Santos (2012) constataram que o conhecimento sobre camisinha masculina foi adquirido em 41,6% dos casos mediante os meios de comunicação em massa como televisão e internet, seguidos de 34,3% (57) com os pais, 27,7% (46) com os professores/escola e 35 (21,1%) com os amigos.

Outros autores encontraram resultados diferentes. Carvalho, Pinto e Santos (2018) verificaram que a maioria dos adolescentes pesquisados, 51,8% (101), afirmou receber informações sobre as IST na escola. Já Cruz *et al.* (2018) verificaram que a fonte de informação sobre sexualidade entre estudantes do 3º ano do ensino médio das escolas estaduais eram pai/mãe (34,1%), internet (14,8%), amigos (13,5%), profissional de saúde (11,2%) e livros/revistas/televisão (10,5%).

Os dados reforçam os resultados de outras pesquisas em que a IST mais conhecida por adolescentes é a AIDS, citada por 65,0% e 71,0% dos participantes, antes e após as oficinas, respectivamente.

Doreto e Vieira (2007) realizaram estudo com 90 adolescentes do sexo feminino para identificar o conhecimento sobre as IST e suas formas de transmissão, assim como o uso do preservativo e o cuidado em saúde. Os autores verificaram que as adolescentes conheciam em média 5 a 6 doenças que podem ser transmitidas pelo contato sexual, sendo a AIDS citada por 92,2% das adolescentes, seguida de sífilis (23,3%), gonorreia (20,0%), HPV (13,4%), herpes genital (7,8%) e cancro mole (4,4%).

Carvalho, Pinto e Santos (2018) verificaram o nível de conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis de 195 adolescentes estudantes de escolas públicas do Município de Caxias - MA. A IST mais conhecida foi HIV/AIDS, citada por 73,3% (143) dos adolescentes pesquisados.

Observou-se que 42,6% (20) dos adolescentes pesquisados não usaram preservativo ou outro método contraceptivo na primeira relação sexual, valores constatados por outros autores. Jardim e Santos (2012), em estudo com 166 adolescentes do sexo masculino de uma escola pública da cidade de São Paulo - SP, constataram que 45,7% dos adolescentes pesquisados não usaram o referido método na primeira relação sexual. Os autores colocam que os motivos relacionados com o não uso da camisinha nas relações sexuais adolescentes compreendem,

entre outros, a falta de planejamento do coito ou a resistência em interromper o momento para colocação do preservativo.

Silva e Lopes (2018) em pesquisa descritiva e transversal com 1.193 adolescentes, verificaram que 41,1% dos participantes iniciaram as atividades sexuais entre 13 e 15 anos de idade e que a maioria usou algum método anticoncepcional na primeira relação sexual (91,1% das mulheres e 82% dos homens), sendo que 66,6% deles utilizaram o preservativo masculino.

É fundamental despertar nos adolescentes escolares a importância e a necessidade da procura dos programas de saúde voltados para o público jovem, bem como o despertar as autoridades competentes para a extensão de mais programas direcionados para saúde dos adolescentes (SOUSA *et al.*, 2020).

A proteção e a promoção da qualidade de vida dos adolescentes representam desafios, as ações de educação em saúde devem levar em conta o enfoque de risco, que prioriza a atuação no problema associado ao dano, aliado ao enfoque na resiliência, que desenvolve competências individuais e coletivas, preparando os adolescentes para enfrentar e superar problemas (COSTA; BIGRAS, 2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar temas envolvendo sexualidade pode ter impacto maior ou menor sobre o público alvo, dependendo do tipo de metodologia proposta. Pode-se observar que a utilização de oficinas educativas permitiu uma maior participação dos adolescentes, com acréscimo de informações seguras sobre os temas abordados, conforme resultados obtidos, motivando a mudança no comportamento de risco e oportunizando a promoção do autocuidado. Por sua vez, ressalta-se a importância da escola como local de maior proximidade para o desenvolvimento de atividades dessa natureza, bem como de profissionais que possam trabalhar a educação em saúde e a humanização no cuidado de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, 22 (6): 786-92, dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-21002009000600010>. Acessado em: nov. 2022.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 14 (3): 937-46, jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-81232009000300030>. Acessado em: nov. 2022.

CARLETO, A. P. *et al.* Conhecimentos e práticas dos adolescentes da capital de Mato Grosso quanto às DST/AIDS. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Rio de Janeiro, 22 (4): 206-11, out. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5533/2177-8264-201022406>. Acessado em: nov. 2022.

CARVALHO, O.; PINTO, R. G. S.; SANTOS, M. S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Revista Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, 15(1): 7-17, jan. - mar. 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n1a02.pdf>. Acessado em: dez. 2022.

COELHO, M. D M. F. *et al.* Educação em saúde com adolescentes: compartilhando vivências e reflexões. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Paraná, 11 (2), 390-5, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v11i2.14271>. Acessado em: dez. 2022.

COSTA, C. O. M.; BIGRAS, M. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 12(5): 1101-9, out. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-81232007000500002>. Acessado em: dez. 2022.

CRUZ, L. Z. *et al.* Conhecimento dos adolescentes sobre contracepção e infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, 15 (2): 7 -18, abr. – jun. 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n2a02.pdf>. Acessado em: jan. 2023.

DORETO, D. T.; VIEIRA, E. M. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23 (10): 2511-16, out. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2007001000026>. Acessado em: nov. 2022.

FLORA, M. C.; RODRIGUES, R. F. F.; PAIVA, H. M. C. G. D. Intervenções de educação sexual em adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, 3 (10): 125-34, jul. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.12707/riii1229>. Acessado em: jan. 2023.

GIJSEN, L. I. P. D. S.; KAISER, D. E. Enfermagem e educação em saúde em escolas no Brasil: revisão integrativa da literatura. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Paraná, 12 (4): 813-21, out-dez. 2013. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38612013000400026. Acessado em: dez. 2022.

GUBERT, F. D. A. *et al.* Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Revista Eletrônica Enfermagem**, Goiás, 11 (1): 165-72, mar. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v11.46914>. Acessado em: jan. 2023.

JARDIM, D. P.; SANTOS, E. F. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. **Revista Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, 9(2): 37-44, abr. - jun. 2012.

Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v9n2a06.pdf>.
Acessado em: dez. 2022.

OLIVEIRA, F. A. *et al.* Atividades lúdicas desenvolvidas com adolescentes escolares sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Interdisciplinar**, Piauí, 10 (3): 53-63, jul.-set. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35664/1/2017_art_faoliveira.pdf. Acessado em: jan. 2023.

PINTO, M. B. *et al.* Educação em saúde para adolescentes de uma escola municipal: a sexualidade em questão. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Paraná, 12 (3): 587-92, nov. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v12i3.18470>. Acessado em: dez. 2022.

RAMIRO, L. *et al.* Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Portugal, 29(1): 11-21, jan. 2011. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s0870-9025\(11\)70003-7](https://doi.org/10.1016/s0870-9025(11)70003-7). Acessado em: nov. 2022.

ROLIM, S. R. *et al.* Conhecimento e acesso aos programas de educação sexual e prevenção da Aids: um estudo com adolescentes escolares. **Aletheia**, Rio Grande do Sul, 49 (2):110-21, jul-dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/v49n2/v49n2a11.pdf>. Acessado em: fev. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). Infecções Sexualmente Transmissíveis na Adolescência. Guia Prático de Atualização. Departamentos Científicos de Adolescência e Infectologia, 2018. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21188b-GPA_-_Infec_Sexual_Transmiss_Adolesc.pdf. Acessado em: fev. 2023.

SILVA, A. F. da.; LOPES, M. H. B. M. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes de ensino médio. **Revista Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, 15 (2): 102 -12, abr-jun. 2018. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15n2a12.pdf>. Acessado em: fev. 2023.

SOUSA, F. C. A. *et al.* Vulnerabilidades e fatores associados em adolescentes escolares. **International Journal of Development Research**, v. 10, n. 4, p. 35441-35446, abr. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43200>. Acessado em: fev. 2023.